

Introdução

O presente artigo tem por objetivo discutir a origem e o desenvolvimento da questão da técnica na filosofia de Martin Heidegger. Para isso, parte da análise da crítica heideggeriana à metafísica tradicional como história do autovelamento e esquecimento do ser que perpassa toda a filosofia ocidental desde Platão até Nietzsche. Heidegger desloca a discussão sobre a técnica para o nível ontológico. Para ele, metafísica é ontologia. A técnica e a ciência moderna seriam, portanto, a figura acabada desta metafísica. A preocupação de Heidegger com o tema encontra uma ampla exposição em seu escrito de 1938, *Contribuições à filosofia: acerca do acontecimento* (Heidegger, 1989³). Ele liga o problema da técnica com a história do ser e seu esquecimento. O trabalho, então, procura mostrar como Heidegger descobre que é o próprio ser que se revela na época moderna como simples presença, identificado e reduzido ao ente e mobilizando o homem para tal empreendimento. Ele atenta para o fato de que o próprio ser humano é jogado para dentro deste projeto técnico-maquinal de controle e domínio das coisas estando, assim como as coisas, disponível para ser encomendado e usado com máxima eficiência. Assim também a ciência, como a técnica, não é nenhum saber, senão a organização de correções em um âmbito explicativo. O mundo humano transformou-se em um universo técnico, no qual estamos presos. O expansionismo da técnica constitui a dimensão planetária da razão calculadora e conduz ao perigo do esquecimento do ser. Mas onde mora o perigo cresce também o que salva. Heidegger, no texto *A questão da técnica*, de 1953 (Heidegger, 1997a, p. 40-93), mostra como o ser se dá nos moldes da técnica moderna, e quais armadilhas este modo de conceber nos arma capazes de nos manter cegos à sua essência. Partindo da tese de que a técnica não é a mesma coisa que a sua essência e de que esta, de modo algum, é algo técnico, Heidegger compreende a técnica não como um instrumento ou atividade humana, mas um modo de desvelar os entes como reserva disponível. A técnica moderna dirige para a natureza uma provocação na qual ela é convocada em vista de que se anuncie de alguma forma comprovável por cálculo e permanência à nossa disposição. A essência da técnica é o que Heidegger chama de *Gestell*: uma interpelação produtora que põe o homem a desvelar o real como fundo de reserva no modo do encomendar, assim permanecendo condenado à vontade do cultivo do que é calculável em sua facticidade. Podemos nós pensar, então, numa libertação deste universo da técnica ou a convivência com tal nos é possível sem que estejamos cavando nosso próprio túmulo? Quanto a isso, o artigo discute como Heidegger resgata o significado do conceito original da técnica como *techné*, mostrando como a técnica antiga se mantinha obediente às sugestões da natureza sem agredi-la, uma produção não exploradora, mas um permitir as coisas ser em acordo com suas possibilidades. Como, então, evitar seus perigos e permanecer no que salva? Heidegger mostra que é possível pôr-se ao abrigo do perigo da técnica voltando a centrar-se no outro modo de produção. A técnica, como um momento da acontecência do ser, encontra na linguagem as condições favoráveis à sua preservação. A linguagem, para Heidegger, é a casa do ser e o homem seu pastor. Ela tem por função proteger e zelar pela mensagem do ser. A possibilidade de salvação estaria no caminho de pôr-se poeticamente à escuta do ser.

O pano de fundo da questão da técnica: a crítica à metafísica



A questão da técnica ocupa status especial no pensamento de Heidegger e é parte do desdobramento de sua analítica existencial a partir de uma ontologia fundamental. Para Heidegger, a técnica representa o ponto final na história do esquecimento do ser, iniciado com a metafísica fundada pelos gregos, e que se revela diverso em diferentes épocas históricas, identificando-se com a sua própria história. Sua preocupação é desvelar as condições transcendentais que tornam possíveis nossas experiências com as coisas, ou seja, o que torna possível aos entes serem encontrados de modo inteligível, ou ainda, o que lhes possibilita ser, o seu sentido.

Para compreender o problema do sentido do Ser, pano de fundo da questão da técnica na perspectiva heideggeriana, faz-se necessário percorrer o caminho elaborado pelo Pensador da Floresta Negra⁴ através da elaboração do problema do sentido do ser, o qual se torna indagação das próprias bases da filosofia tradicional e da metafísica.

Trata-se de pôr a claro o fundamento da metafísica tradicional. Heidegger argumenta que o *metá* da Metafísica significa “depois”, mas logo passou a significar “através de”, “além”, “ultra”. Por isso, a metafísica passou a significar “ir além das coisas físicas, naturais dos entes” e mantém todo o pensamento ocidental preso à sua condição histórica, que é a de pertencer a uma certa tradição e a uma certa linguagem conceitual, a que mesmo *Ser e tempo* não pôde pôr fim, pois seu discurso ainda se expressava por uma linguagem demasiadamente condicionada pela própria metafísica.

É preciso perceber então como Heidegger descobre esta indiferenciação ontológica, como ela se mostra na história do ser na metafísica e, a partir destas constatações, abrir um caminho para seu autêntico entendimento.

Apesar do grande interesse pela metafísica na história da filosofia, o problema do sentido do ser caiu no esquecimento. Nesse âmbito, a metafísica passou a conceber, então, o ser e seu sentido encarcerado ao ente (às coisas) na base da simples presença, como objeto disponível, ao colocá-lo no mesmo plano do ente (entificando-o).

Segundo Heidegger, a história da civilização ocidental e da metafísica é a história do esquecimento da diferença ontológica entre o ente e o ser deste ente⁵. O ser não é o ente, embora não apareça senão em ligação com ele. Embora o ser esteja intimamente ligado com o ente, com ele não se identifica, não é o mesmo que o ente em que se revela.

Para a metafísica tradicional, o ser é concebido de acordo com a simples presença do ente. No entanto, o conhecimento do ente implica algo mais essencial, implica uma compreensão preliminar do ser do ente, isto é, o projeto dentro do qual o ente chega ao ser, aparecendo na presença. Compreender o ser é ir mais além, é ultrapassar o ente como tal. O conhecimento do ente pressupõe uma compreensão prévia do ser. Heidegger considera a metafísica como ontologia. A pergunta pelo que é o ente tem que ser precedida da pergunta pelo que é o sentido do ser.

O sentido do ser se retrai quando queremos apreendê-lo diretamente. Porque tudo o que apreendemos torna-se algo ente. Torna-se objeto que transpomos para a ordem de nosso saber ou nossos valores, dividimos, analisamos, colocamos como medida e podemos passar adiante. Tudo isso não é o ser, mas tudo isso existe porque estamos em relação com o ser. Ele é o horizonte dentro do qual encontramos os entes. No horizonte do ser, os entes podem se configurar, ser.

Em dissonância a esta concepção de ser, o pensamento ocidental restringe o ser ao que é característico e que constitui o ente enquanto tal, ou seja, concebe o ser como sendo uma característica universal, comum de todos os entes, como uma espécie de conceito geral e abstrato que o ente possui, ou como ele próprio diz nas *Contribuições à filosofia*: “O esquecimento do ser corresponde à compreensão dominante de ser [...] ser como o conceito mais geral e corrente” (Heidegger, 1989, p. 116). Preocupar-se com o ser é perguntar-se pelo que todos os entes têm em comum. O termo metafísica e o pensamento que dele decorre convertem-se, para Heidegger, em sinônimo de esquecimento do ser (*Seinsvergessenheit*) em prol do ente.

No texto *A essência do fundamento* (Heidegger, 1999a), Heidegger parte da análise do princípio da razão suficiente que, a partir de Aristóteles, diz que tudo o que existe tem uma causa ou fundamento; o conhecimento do ente, portanto, é o conhecimento que o conhece no seu fundamento. Na perspectiva da metafísica, o ser é identificado com o ente a partir de sua simples presença. O ente presente, visto, aparece a si mesmo e ao ser de forma objetivável. O ser é moldado por completo no ente, daquele já não fica mais nada, só ficam os entes. O

ser do ente como fundamento é total e exclusivamente o ser posto e imposto pela vontade do homem produtor e organizador, sistematizador geral de toda a realidade. Dele não escapa nada.

A metafísica reduziu o ser do ente à certeza da representação e à vontade de controle como vontade do sujeito de reduzir tudo a si mesmo. É pensamento que, mesmo ao pôr o problema do ser, o esquece imediatamente e se limita a considerar a simples supremacia do ente. Desaparecida a diferença ontológica e reduzido o ente a um sistema universal de fundação regido pelo princípio de razão suficiente, já não fica nenhum ente realmente oculto. Tudo é conhecido ou, pelo menos, conhecido em sua mostra por intermédio dos métodos racionais (de fundar e explicar) da ciência e da técnica moderna. O fundamento de validade deste princípio é remetido ao homem que, enquanto ente capaz de conhecer, instituiria o mundo em que os entes aparecem a partir da redução do ser à objetividade e do mundo ao seu sujeito, sendo que este bem poderia ser um resultado que se consegue no laboratório do cientista como um produto de uma atividade humana.

Esta intenção da metafísica como esquecimento do ser revela a própria situação em que nos encontramos. Ela determina o modo em que estamos existencialmente constituídos. E a abertura em que nos encontramos lançados como projeto atualmente (e que nos constitui radicalmente) caracteriza-se como um esquecimento do ser em favor do ente. A partir da análise de Heidegger, podemos compreender que esta abertura, por mais que pareça uma atividade humana através de suas capacidades inventivas e racionais, o mundo, a história e a existência não dependem de uma decisão nossa, mas de algo que não somos nós e sim como situação que nos constitui.

A história da metafísica é sempre e também nossa história, e esta, como esquecimento do ser, pertence à história do ser, portanto, à própria metafísica. O seu desenvolvimento, ao contrário do que possa parecer ou do que ela própria possa falsamente indicar, não depende de nós, nem são também fatos dos quais o homem é um simples expectador e de que deve limitar-se a tomar nota. Pensar assim é definir a história do ser como algo que se desenvolve objetivamente perante um sujeito que atua em maior ou menor grau. A reflexão nos conduz ao contrário, não é o homem que elabora e constrói a história do ser, mas é a história do ser que o possui.

A história da metafísica é um tema que é indicado, senão reconstituído de modo completo, em praticamente todos os escritos de Heidegger. Esta história segue a história do próprio conceito original de *alethéia*⁶. Temos que nos perguntar aqui como este conceito foi inicialmente experimentado.

Já nos gregos, no entanto, percebe-se um desvio de conduta em relação ao conceito originário e se esquece o vínculo fundante da revelação e do ocultamento. Da pergunta: “o que é o ente?” nasce a filosofia, a qual mais tarde receberá o nome de metafísica que, na interpretação heideggeriana a partir de Platão, teria assinalado o início de uma descontinuidade em relação ao que é essencial e que subsiste por si mesmo. Para Platão, o verdadeiro é a idéia, o ente enquanto visível ao intelecto humano, o ente reduzido ao inteligível. No Mito da Caverna, o esforço feito no deslocamento, tanto do meio obscuro (de dentro da caverna) para o luminoso (fora da caverna) ou vice-versa no sentido do retorno, é dirigido ao fato de ajustar as imagens distinguidas às idéias com as quais deve concordar dependendo do grau de perfeição. A *Alethéia* já não é primordialmente uma característica de entes, mas trabalha junto com a alma tornando-se então adequação e depois concordância. O ser é o próprio aparecer do ente na presença. E, de modo geral, a presença (*Anwesend*) é a essência do ser. A verdade, então, reside na exatidão da percepção e da enunciação.

Temos uma idéia de ser geral em cada ente particular. Esquece-se o obscuro e o oculto donde procede o manifestar-se. O verdadeiro é o visível e o que importa é perceber bem o que se revela. A verdade é a idéia estar em conformidade com o que se manifesta.

Em seguida encontramos Aristóteles, para quem o ser tem múltiplos sentidos, dentre os quais *eidōs* (essência) e *ousía* (substância ou existência efetiva), ou seja, é em ato, e é a este atribuído primeiramente, segundo às interpretações mais correntes, o lugar do ser. Assim,

acentua-se a concepção de ser como presença efetiva, a identificação do ser com aquilo que está efetivamente presente e, ao mesmo tempo, atribuindo-lhe a capacidade de fundação (causalidade) a qual possui, de maneira constitutiva, a ponto de conferir a característica da presença a outros seres. Atribuir a causalidade ao ser significa, porém, colocá-lo dentre os entes. A verdade já não é mais uma pergunta, mas uma adequação lógica da representação e do representado numa relação de causa e efeito.

Um marco decisivo desse processo está presente em Descartes, para o qual, é real (é ente) o que é certo (o que temos uma idéia clara e distinta). A relação entre alma e entes tornou-se a relação sujeito-objeto, mediada pela representação, o declínio degenerado da idéia de Platão. Verdade se torna correção, e seu espaço, o aberto, é negligenciado. O ser tem como característica fundamental o fato de dar-se como certo (a característica do ser é a certeza). “Com o início da Idade Moderna, a palavra ‘real’ assume, a partir do século XVII, o sentido de ‘certo’ [...] O real se mostra, então, como objeto” (Inwood, 2002, p. 44). Somente o que está visivelmente (o termo grego *Idea* tem a mesma raiz do verbo ver) presente é o verdadeiro. O que constitui a verdadeira realidade da coisa, o seu ser, é a certeza que o sujeito dela tem ao aplicar rigorosamente o método, sem admitir desvios ou obscuridade.

O passo de Descartes é uma primeira e decisiva conseqüência, o resultado da conseqüência, através do qual a *maquinação* como verdade transformada (correção), a saber, como certeza, alcança o domínio (Heidegger, 1989, p. 132).

Sujeito, na filosofia moderna, significa exclusivamente o eu do homem. O fundamento absoluto e indubitável da realidade metafísica é o homem, perante o qual deve ser legitimado o ser das coisas, sendo reconhecido como a medida de todas elas (Protágoras). O conceito de objetividade participa da filosofia moderna sempre numa correlação ao sujeito. Esta dicotomia define a realidade (o real é verdadeiro) como sendo exclusivamente aquela que se mostra e se demonstra como tal ao sujeito. O que a constitui é exatamente a certeza que o sujeito dela tem.

A redução do ser à certeza da representação é a redução do ser à vontade do sujeito. O sujeito é conduzido pela vontade de reduzir tudo a si mesmo. Reduz-se tudo a um único princípio, o eu como vontade de redução da totalidade do ente a si mesmo. O ser identifica-se imediatamente com o ente como presença, efetividade, realidade, afastando-se de sua transcendência, da manifestação da verdade que pressupõe um esconder-se, um ocultar-se originário, de que procede a verdade. A conseqüência da confusão entre ser e ente é a assimilação do primeiro a uma evidência. Nós o consideramos evidente sem ir buscar mais longe, porque o ser é para nós aquilo pelo qual as coisas são evidentes. Empregamos o ser como um postulado do qual se parte ou ao qual se chega. Tal fundamentação metafísica se limita a buscar um ente sobre o qual fundar os outros. Para a metafísica, ser é uma noção óbvia que não exige ulteriores explicações (isto significa dizer que a noção de ser é extremamente vaga e indeterminada e vazia).

Enfim, segundo Heidegger, a metafísica chega à sua essência no pensamento de Nietzsche e tem na técnica sua figura acabada. A metafísica manifesta-se em sua essência apenas quando chega ao seu fim e alcança o seu fim precisamente enquanto se revela em sua essência. A essência da metafísica é o esquecimento do ser, da diferença ontológica. Nietzsche concebe o ser como “vontade de poder”. Para Heidegger, isto pode ser reconstituído como “vontade de vontade”, pois o dispor de algo como possibilidade de querer faz ressaltar o aspecto decisivo da concepção nietzscheana do ser: que a vontade queira só querer significa que ela é puro querer, sem algo “querido”, indicando a total falta de fundação que caracteriza o ser nos termos da metafísica. O ser é conceito vazio, uma noção e o mais geral de todos os conceitos.

Assim, a ontologia tradicional metafísica, alicerçada na concepção metafísica de ser, procura mascarar, sob o aspecto de uma indagação sobre o ser do ente, o reducionismo que atinge os modos do desvelamento e de ocultamento do próprio ser. Reduz a certeza da representação à vontade do sujeito de ter o mundo “a seus pés”. Precisamente a técnica é o fenômeno que expressa, no plano do modo de ser do homem no

mundo, o desabrochar e o cumprimento da metafísica. A técnica moderna instrumental que dá ao mundo essa forma de sistematização da realidade corresponderia ao dar-se do ser. O ser do ente é reduzido à instrumentalidade e ao controle técnico. Nada escapa ao controle técnico e nada mais se admite como oculto. Não fica nenhum ente misterioso realmente, tudo é conhecido ou, pelo menos, essencialmente cognoscível através dos métodos racionais da ciência moderna. Tudo ocupa agora um lugar bem definido que coincide totalmente com a função instrumental que a coisa reveste em tal sistema. As coisas são conhecidas a partir de sua funcionalidade, na sua instrumentalidade. A metafísica cumprida é, no seu sentido mais pleno e amplo, a técnica e a instrumentalização geral do mundo. O ser do ente é reduzido à ocupação técnica. Do ser não fica mais nada, só restam os entes.

A tecnificação do mundo é a realização efetiva da idéia de que o homem, a partir de seu desenvolvimento racional, pensa o ser das coisas como algo dependente dele próprio e que a ele se reduz. Como um produto técnico, o mundo é, no seu próprio ser, produto do homem, assim como a instrumentalidade se apresenta como o ser das coisas. O ser (ou o modo como o ente se manifesta ao Dasein, ou seja, o modo em que o ente é) é algo que se pode compreender se pensarmos no modo como a ciência e a técnica determinam constitutivamente o rosto do mundo. A época da metafísica produtivista é a época da total redução do mundo ao sujeito.

Nessa dicotomia reducionista todo o ente se converte em algo representável e representado. “Representável significa por um lado: acessível ao opinar e calcular, e significa logo: formulável na produção e execução.” (Heidegger, 1989, p. 109). Tudo estaria posto ao alcance das mãos humanas e disposto aos seus desígnios. O ser se retira do ente, e o ente se converte em algo simplesmente feito ou causado por outro. Este abandono do ser do ente quer dizer que o ser se oculta na manifestação do ente, revelando uma imposição do saber ao ser.

No texto *Contribuições à filosofia*, Heidegger indica a partir do que se anuncia o abandono do ser: primeiro, na completa indiferença com o plurissignificante (*Vieldeutigkeit*), ou seja, a redução do significado e do sentido do ser ao monopólio da explicação técnica; segundo, na obstrução do pensar ao se implantar valores e idéias como imutáveis; terceiro, na angústia vazia frente ao perguntar e à negação que causam cegueira em relação ao essencial (“que é invisível aos olhos”); e, por último, na fuga da meditação e na impotência do esperar que somem a partir da supervalorização do calcular.

A este encobrimento acrescenta-se o encantamento frente ao progresso: descobertas, invenções, indústrias, a máquina: ao mesmo tempo a massificação, o abandono, pauperização, tudo como desprendimento do fundamento e das ordens, [...] incapacidade de meditação [...] o progresso vai na direção do ente como crescente abandono pelo ser (Heidegger, 1989, p. 119).

O paradigma tecnológico incorpora e promove o nosso entendimento tecnológico do ser. Heidegger aponta os aspectos peculiares de nosso entendimento tecnológico e absolutizável do ser do ente e as formas de como se dá este processo de abandono de um pelo outro.

No capítulo *A ressonância (Anklang)* das *Contribuições à filosofia* (Heidegger, 1989, p. 106-166), Heidegger tematiza o ser no estágio do esquecimento do ser, portanto do presente. Essa época se caracteriza pela plena ausência de questionabilidade. Já não existe mais lugar para o perguntar sobre o ser, sobre seu sentido na medida em que nada mais há de oculto. Tudo está dado como presença. O ente como tal é o representado e nada mais há além dele, somente o representado está sendo. Esta forma de interpretação do ente inviabiliza qualquer compreensão essencial do ser e/ou desocultamento originário da verdade do ser, o que impede o verdadeiro experienciar do acontecimento. “Nada é considerável insolúvel e a solução é apenas uma questão de tempo, espaço e força” (Fleig, 2005, p. 80).

Este encantamento e fascínio do homem em relação às suas realização e sua condição técnica de poder compreender os entes a partir de sua simples presença, além dos progressos alcançados pela humanidade, cegam o homem à sua própria condição de ser inibindo sua capacidade

de reflexão e abertura ao verdadeiro do ser. Isto faz o homem pensar tudo poder, tudo fazer, tudo manipular. “É um sinal deste encantamento, que em conseqüência impele tudo ao cálculo, utilização, cultivo, manejabilidade e regulação.” (Heidegger, 1989, p. 124).

O ente se converte em obra do homem e é tomado e dominado agora somente em sua objetividade. É preciso saber de onde realmente procede este encantamento. “Resposta: do desenfreado domínio da maquinação.” (Heidegger, 2003, p. 124). Heidegger introduz aqui, já em 1938, o conceito de maquinação como a essência do pensamento moderno que domina a história do ser na filosofia ocidental vigente desde Platão até Nietzsche. Segundo ele, esta “trama” que envolve os entes como um todo cria uma ilusão de que tudo se enquadra sob o domínio do fazer e do representar. Esta violenta organização que tudo arrasta e que de tudo exige disponibilidade, esta força de reunião que impõe ao homem descobrir o real, mascara uma realidade em que nada é impossível e toma os entes a partir de suas possibilidades de representação e na medida de sua produção.

O domínio do mandar fazer toma a forma de “enquadramento” ou “composição” (*Gestell*: a essência da técnica reside no *Gestell*), que reduz todos os entes, incluindo os humanos, ao nível homogeneizado dos recursos disponíveis para serem encomendados e usados com máxima eficiência (Fleig, 2005, p. 79).

Dá-se a impressão de que só é aquilo que é presente e possível de ser representável e utilizável na produção a qualquer momento quando solicitado. Tudo parece humanamente possível. A essência da dominação da representação como maquinação organiza e planeja tudo na objetificação do ente. O ente se deixa converter em objeto da maquinação. “Nesta época ‘o ente’, o que se chama o ‘real’ e ‘a vida’ e ‘os valores’, está expropriado do ser” (Heidegger, 1989, p. 120).

O ser é enquanto representável, disponível e constatável. “No interior da maquinação não há nada digno de ser questionado [...] porque através da maquinação a questionabilidade é desalojada, extirpada e estigmatizada como a autêntica ação diabólica” (Heidegger, 1989, p. 109). A técnica assume seu pleno domínio no mandar fazer, e a atividade humana só é possível (pois condicionada e exclusiva) em virtude da maquinação. O esquecimento do ser alcança sua mais própria morada na medida em que o pensamento e a existência se dobram a esta maneira de essencializar-se do ser como maquinação. A metafísica e a ciência que dela emergiu pressupõem que exista uma estrutura objetiva permanente para as coisas, “a objetividade como forma fundamental da realidade e, por conseguinte, do ente” (Heidegger, 1989, p. 127), e que a razão seria suficientemente capaz de descobrir esta estrutura. Este poder caminha em direção à calculabilidade incondicional de tudo.

Tal modo de ser das coisas exige um atrelamento cego num domínio da utilidade. A este atrelamento cego assemelha-se, segundo Zeljko Loparic, a característica animalésca do instinto como mera pulsão de cálculo que apenas responde e dá conta do que é utilizável e aprazível.

O instinto da animalidade e a *ratio* da humanidade tornam-se idênticos. Dizer que o instinto é o caráter da humanidade significa dizer que a animalidade, em cada uma de suas formas, está totalmente submetida ao cálculo e ao planejamento (Zeljko, 1996, p. 125).

A figura do instinto mostra como a humanidade responde às exigências da maquinação, que domina o fazer (a produção) e o produto (obra) como resposta ao domínio do que manda fazer.

Absorvido pela expansão do império humano sobre o planeta, o homem tende a crer que é sujeito dominante da técnica de que se serve. O sujeito maquinador é, então, o perpétuo perigo de uma ilusão que faz tomar o ente pelo ser.

Esta crença de tudo poder sobre o ente, controlável por meios técnicos, que encanta e deslumbra impede a verdadeira manifestação do ser. Abandonado, o ser se oferece (como uma forma de dar-se do ser) à manipulação de alguma forma possível através do cálculo. Só é o que pode ser medido, calculado. Este dar-se do ser (que é o modo extremo de ocultar-se do ser e que deixa aparecer só o ente) corresponde à técnica moderna que dá ao mundo essa forma de organização total como maquinação.

No entanto, não é fácil de perceber este abandono/esquecimento do ser na metafísica tradicional a partir da maquinação na medida em que, em nossa época, ele se esconde na crescente importância e validade dadas ao cálculo, à rapidez e à massificação, entre outras formas de encobrimento. Assim o abandono do ser se oculta impedindo o ser humano de experimentar o verdadeiro do ser do ente.

A avidez humana pela certeza, explicação, segurança e a constante tentativa de fuga a tudo o que ameaça escapar ao seu controle racional e técnico empurra o homem a orientar-se segundo a perspectiva do cálculo, ou seja, sentir-se seguro é ter todas as coisas sob o controle. A maquinação técnica se funda no saber matemático, na possibilidade de tudo manipular e no primado pela total organização. Tudo é acessível e “o inalcançável é aqui somente o ainda não dominado pelo cálculo, porém um dia o será” (Heidegger, 1989, p. 121). Esta certeza de que nada escapa do poder do cálculo, como lei fundamental do comportamento, dá a falsa impressão da suficiência da racionalidade humana em compreender o ser das coisas como se este fosse assim alcançável, e, no entanto, encobre seu verdadeiro significado ao tomar o ente puramente manipulável pela totalidade do ser.

A rapidez de todo tipo se mostra igualmente como um encobrimento do abandono do ser. A aceleração da produção técnica é consequência dessa rapidez que impõe ao homem a vontade do querer ininterruptamente o novo e o imediatamente diferente. O homem fica preso à novidade. Esta preocupação impede que tranqüilamente o oculto do ente, o ser, se mostre como realmente é. Tudo se torna velho e ultrapassado no momento em que aparece como novidade. Esta fugacidade de ser do ente resiste a qualquer questionamento na medida em que o ente se torna e restringe ao puramente quantificado e cega o homem “*com respeito ao verdadeiro acontecimento, não fugaz (transitório) senão inaugurador da eternidade* (aquilo que permanece e dura, vige). *Porém, para a rapidez, o eterno é o mero continuar do mesmo*” (Heidegger, 1989, p. 121). Isto se sustenta somente a partir de um ininterrupto abastecimento de entes utilizáveis e desfrutáveis, daquilo que está presente à mão e que, através do progresso, admite um avanço e uma sempre e cada vez mais rápida substituição. O ente se põe disposto a este estar sendo utilizado, desfrutado e produzido.

Nossa tendência a nos deixarmos absorver em nossa relação com os objetos traz uma realidade que nos identifica: a massificação. O ser se instala confiante no meio de seus objetos tranqüilizadores, em suas propriedades, onde já vigora o número (ente quantificável) e o que é calculável, acessível a qualquer um de maneira igual, escondendo seu desamparo. O que é comum a muitos é tudo o que muitos conhecem. Este mundo comum a todos “é a mais discreta inimidade para com o raro singular” (Heidegger, 1989, p. 122). O abandono do ser se esconde e se disfarça na ditadura do público, impedindo qualquer decisão própria, autêntica e livre.

Assim, também a linguagem perde sua força original de descobrir o ente em seu ser e é transformada em símbolos arbitrários e sem sentido original algum a não ser possibilitar e instrumentalizar a capacidade de representação do ente. “Estes sinais de abandono do ser assinalam o começo da época da inteira inquestionabilidade de todas as coisas e de todas as maquinações” (Heidegger, 1989, p. 123). Tudo parece tão claro e evidente que escurece a incapacidade humana de descobrir (não como atividade humana, mas como acontecimento que o perpassa) o ser dos entes que permanece oculto. O homem é envolvido de tal maneira nesse turbilhão (trama que o envolve e agride como projeto/planejamento e que manda fazer o que se deve executar) que o empurra para frente deixando de perceber que ele mesmo, como ente, perde seu ser.

Crítica à ciência moderna

Ao analisar o mal do esquecimento do ser a partir de tais formas maquinadoras de mobilização, controle e entificação do ser, que põe em jogo a mais irrestrita violência de calculação, planificação e criação de todas as coisas, Heidegger busca meditar igualmente sobre a ciência moderna e sua essência enraizada no modo da maquinação. Esta se faz imprescindível, não a partir dela em si mesma, mas por ela também estar envolvida no abandono do ser, e tal meditação pertence à preparação da ressonância, do encontro do sentido da totalidade do ser.

O pensamento heideggeriano que se mobiliza a partir de uma meditação sobre a história do destinamento do ser e de uma crítica à metafísica tradicional como horizonte de compreensão da essência da técnica e da ciência moderna, articulada à desconstrução da verdade essencial⁷, não é uma mera descrição de um estado da ciência, mas o compreender de um processo que leva a uma decisão sobre a sua verdade.

A formulação da crítica de Heidegger à técnica moderna, inclusive no texto *A questão da técnica*, de 1953 (Heidegger, 1997a, p. 40-93), à medida que representa o estágio final da história do autovelamento e do esquecimento do ser, acompanha a formulação da crítica à ciência moderna do texto *Contribuições à filosofia: sobre o acontecimento* (Heidegger, 1989).

Podemos caracterizar a ciência moderna como aprendizagem de dominação da natureza. Pela ciência, pretendemos ser criadores de um mundo que esteja totalmente sob nosso domínio e controle. Na atividade científica, manifesta-se a vontade de dominar. O homem moderno, na atividade científica, toma a realidade⁸ e a submete a projetos de medidas e cálculos. A dominação calculadora do mundo se desdobra em exploração e desgaste da natureza por intermédio da intervenção tecnológico-operatória enquanto movimento de objetificação, exploração e consumo devastador que se atualiza. Este processo de conquista do ente pela racionalidade calculatória representa um dos caminhos para a realização própria da essência da metafísica da modernidade enquanto vontade de poder.

A ciência busca o conhecimento das causas que a regem, única e exclusivamente para melhor controlá-las e dominá-las.

Por conseguinte, a causa da ciência e de tudo o que acontece no mundo da técnica não está na matéria, nem no desejo de conhecer os mistérios ocultos da natureza, mas na vontade de poder. A causa da explosão da bomba de Hiroshima não está na força do átomo, que é uma “ficção imaginosa”, pois não a vemos; vemos apenas os efeitos; a causa está na vontade de poder do homem. Será que o átomo teria um dia produzido este efeito? [...] A vontade de poder é a causa que provoca (Buzzi, 2000, p. 110).

A vontade de poder se expressa no próprio domínio do pensar calculador ao que, tudo, está submetido. Esta mobilização total que absorve todas as forças e recursos produtivos, humanos e materiais, como engrenagem anônima e impessoal, manifesta o caráter agressivo e totalitário da moderna metafísica da subjetividade. Ela, a ciência, não é, então, conhecimento no sentido de fundar e preservar a verdade essencial do ente, mas no sentido de correção e maquinação.

Nesse sentido, Heidegger apresenta, no texto *Contribuições à filosofia*, 24 proposições a partir de sua reflexão quanto à ciência e seu pertencimento ao autovelamento e esquecimento do ser (Heidegger, 1989, p. 145-158). Ciência que deve sempre ser entendida essencialmente em sentido moderno. Para ele, a ciência “não é nenhum saber, no sentido de fundação e conservação de uma verdade essencial (assim como a técnica moderna) mas a apresentação maquinadora de um circuito de correção de um âmbito de uma verdade” (Heidegger, 1989, p. 145). Por isso, o ente é visto como o limite dentro do qual a ciência exerce sua atividade fazendo-a ciência positiva. A ciência rege objetivamente o real a partir de um conjunto de operações e processos na medida em que a natureza se oferece à representação em um sistema de movimento previsível por cálculo.

A ciência é só um “título formal” (Heidegger, 1989, p. 145)⁹, sentido legitimada a partir de suas especializações. Ao contrário da arte ou da filosofia, que se preocupam com a totalidade do ente em seu velamento-desvelamento, para a ciência a totalidade do ente se reduz à sua possibilidade de presença diante dela e de suas especialidades. A especialização é essencial e condição de sobrevivência da ciência a partir da compreensão do ente como representação. Ela assegura para si uma região do real (o real se mostra como objeto¹⁰), como domínio de seus objetos. “A decisão do que deve valer, como conhecimento certo para a ciência, depende da possibilidade de se medir e mensurar a natureza, dada em sua objetividade e, em consequência, das possibilidades dos métodos e procedimentos de medida e quantificação” (Heidegger, 2001, p. 49)¹¹. Ela não é, portanto, apenas um instrumento ou um saber nas mãos do homem, mas é um modo decisivo de responder e de se apresentar tudo o que é e está sendo.

Além do mais, toda ciência é explicativa e, por isso, reducionista. Ela conduz a totalidade do desconhecido a algo conhecido e compreensível a partir de seu método investigativo. O rigor de uma ciência procede de seu método que “leva o âmbito objetivo a uma determinada direção de explicabilidade, que fundamentalmente já assegura a inevitabilidade de um resultado” (Heidegger, 1989, p. 147). Nada escapa a partir da relação causa e efeito por ela operada, de sua inteligibilidade e quantificação (domínio da categoria da quantidade). Suas explicações são causais, e isto é uma exigência da própria maquinação “deixando a vida e a experiência expostas ao cálculo e à manipulação. Mas a vida não pode ser explicada deste modo. A ciência não aspira ao conhecimento genuíno, mas a informações e resultados utilizáveis, alcançados por meio de um método” (Inwood, 2002, p. 16). A primazia do proceder sobre a coisa descarta o caráter essencial do ente em favor de um conhecimento obtido e produzido a partir deste ou daquele procedimento. Assim, a ciência tem de buscar a partir de si mesma (como método) a confirmação de sua necessidade.

Toda ciência conta com a experiência, ela “tem que ser experimental. O experimento é uma consequência essencial e necessária da exatidão” (Heidegger, 1989, p. 150). Ciência e experiência se co-pertencem, mas não se igualam. No entanto, a ciência não pode prescindir a natureza já dada. Neste sentido, ela não pode nunca contornar e abarcar um dia a plenitude da natureza, porém, a partir de seu modo de desvelamento a “natureza se desenvolve em consideração ‘orgânica’, sem saber que o organismo somente apresenta o acabamento do ‘mecanismo’” (Heidegger, 1989, p. 155). A objetividade da natureza é um modo como a natureza se revela, e a representação ou experiência científica não é capaz de evitar sua essência. A experiência científica, a partir de seu método, já se instalou na região da objetividade e daí “procede que uma época de ‘tecnicismo’ desenfreado pode, por sua vez, encontrar sua própria interpretação em uma concepção de mundo orgânica” (Heidegger, 1989, p. 155), como máquina, possível de ser explicada, quantificada e controlada. A ciência se legitima no modo da metafísica tradicional como pseudo-saber que assegura à vontade de poder o controle total dos entes em sua objetividade.

Esta mobilização técnico-maquinal, na qual reside a essência da ciência moderna, reduz o ser à categoria de ente disponível e o apresenta na presença como peça utilizável num sistema organizado a partir de seus métodos e previsíveis resultados. O caráter empresarial da ciência enclausura e impõe à manifestação do ser a partir de seu compromisso de investigar o respectivo âmbito objetivo do ente. Ela impõe medida às coisas a contento das suas próprias. Ela só seria genuína se fosse bem-sucedida em tomar medidas a partir das coisas, em lugar de impor medidas sobre as coisas. Esta imposição celebra nossa capacidade de tornar tudo claro e sob controle.

Se chega, como se tem que chegar, ao reconhecimento da essência predeterminada da ciência moderna, de seu mero e necessário caráter serviçal empreendedor e das requeridas organizações para isso, então no horizonte desse reconhecimento tem que se esperar e calcular no futuro um enorme progresso das ciências (Só cegos e loucos falarão hoje no fim da ciência) (Heidegger, 1989, p. 156).

A ciência não é propriamente um saber, mas faz parte do modo como o real se desvenda como disponível a partir de um projeto técnico-maquinal de regulação da natureza. Este poder de tudo dominar que mobiliza (planetariamente) o fazer e o produzir caracteriza-se na figura da moderna ciência experimental. Pela sua força a realidade do ente, em seu conjunto, transforma-se em conteúdo representativo, submetido à ação objetivante de um sujeito de conhecimento na medida em que esta realidade é tornada disponível pela intervenção de um experimento técnico. “Fica sempre em pé, portanto, o fato de as ciências não terem a possibilidade de apresentar a si mesmas, como ciência, só como recursos, métodos e procedimentos da teoria.” (Heidegger, 2001, p. 56).

Onde mora o perigo, ali cresce também a salvação

A tecnificação do mundo é a realização efetiva e ilusória da idéia de que o homem, a partir de seu desenvolvimento racional, pensa o ser das coisas, a partir de si, como algo dependente dele próprio e que a ele se reduz. Como um produto técnico, o mundo seria, no seu próprio ser, produto do homem. O ser (ou o modo como o ente é) é algo que se pode compreender se pensarmos no modo como a ciência e a técnica determinam constitutivamente o rosto do mundo. A época da metafísica produtivista é a época da total redução do mundo ao sujeito.

Heidegger, de modo singular, avança na compreensão do ser ao afirmar que é o próprio ser que, na época da metafísica, se dá na forma da simples presença e do esquecimento. É no texto *A questão da técnica* que Heidegger vai mostrar como o ser se dá nos moldes da técnica moderna e que armadilha este modo de conceber o ser nos arma e que nos mantém cegos à sua essência.

Martin Heidegger, após a *Kehre*, traduzida como a “viragem”, na qual se inscreve a sua filosofia a partir dos anos 1930, propõe, no texto intitulado *Die frage nach der technik* (A questão da técnica), proferido em 18 de novembro de 1953, na Escola Superior Técnica de Munique, uma reflexão acerca da técnica moderna, enfatizando a ligação entre o pensamento da subjetividade, que marca a cultura ocidental, e o triunfo da técnica moderna no plano da civilização, bem como esta relação se inscreve na história da metafísica, aproximando esta reflexão com sua tese do esquecimento do ser. Heidegger desabriga-nos de nossas concepções mais correntes acerca da técnica e da tecnologia moderna, desconstruindo nossos conceitos cotidianos e questionando nossas pseudocertezas no intuito de fazer manifestar livremente a sua essência e fundamento.

O problema a ser levantado tem como meta refletir como e de que forma se dá a posição do *Dasein* imbricado nos moldes do universo da técnica. Podemos nós pensar numa libertação deste universo da técnica ou a convivência com tal nos é possível sem que estejamos cavando nosso próprio túmulo? Aliando-se à busca de Heidegger pelo pensamento original grego, o objetivo é resgatar o conceito grego antigo de *techne*¹², que auxilia na instauração de uma relação mais livre com a técnica moderna a fim de construir uma harmonia do Ser-aí com o desvelado sem abandonar os benefícios que ela nos oferece, mas superando o aparente da massificação despersonalizante.

Techne é o germe do qual se desenvolveu a técnica moderna. *Techne* como modo do fazer. Heidegger vai recuperar o conceito em seu caminho de retorno às coisas mesmas a partir de um pensar voltado ao essencial, ao ser, esquecido pela tradição metafísica ocidental.

O mundo humano se transformou em um universo técnico no qual estamos presos. “Justamente este homem ameaçado se arroga como figura do dominador da terra [...], entretanto, o homem de hoje, na verdade, justamente não encontra mais a si mesmo, isto é, não encontra mais sua essência.” (Heidegger, 1997a, p. 79). A uma civilização que se consoma e se consome ao nível exclusivo do “fazer”, o compreender torna-se obsoleto e sem sentido. Em *A questão da técnica*, ele defende a tese de que a origem da técnica reside na maneira como nos defrontamos com a natureza.

O expansionismo da técnica constitui a dimensão planetária da razão calculadora e conduz ao perigo do esquecimento do ser, “o total obscurecimento do mundo: a devastação da terra, a massificação, o exílio do homem moderno” (Nunes, 1987, p. 140).

Em que medida a reflexão de Heidegger faz descobrir algo de válido para quem quiser pensar a relação da filosofia com o mundo concreto das relações sociais e da técnica mais sofisticada? Ele é o filósofo que nos permite compreender a técnica a partir da tese fundamental de que a “a técnica não é a mesma coisa que a essência da técnica [...] e a essência da técnica não é de modo algum algo técnico” (Heidegger, 1997a, p. 42-43), e que nos alerta para o perigo implicado na técnica moderna:

O homem permanece condenado à vontade do cultivo do que é calculável e de sua factibilidade [...]. Nem a ameaça exterior, que vem de uma catástrofe mundial no sentido da destruição física do homem, nem a ameaça interior, que nasce da transformação do homem na subjetividade que se exalta, voltando-se sobre si mesma, contém a ameaça decisiva para a humanidade do homem (Heidegger, 2002, p. 197).

O *Dasein* é no mundo e age para modificá-lo. Isto significa estar aberto aos apelos do Ser. No mundo, os entes (as coisas) se manifestam e se oferecem ao *Dasein* em sua disponibilidade como utensílios para o uso. É por intermédio da tecnologia, da produção a ser realizada que o *Dasein* tem acesso ao disponível. O lidar cotidiano é a relação do *Dasein* com aquilo que ele produz. O *Dasein* é obreiro do ente, e este pode tornar-se objeto visto unicamente como consumidor no seio da técnica. O fundamento da época técnica moderna é o ente em sua disponibilidade. A natureza se apresenta como aquilo no qual podemos trabalhar. A técnica apresenta-se como marca “instrumental” do ser-no-mundo moderno.

Heidegger diferencia a técnica moderna, enquanto dirige para a natureza uma provocação, da técnica antiga, mostrando como os gregos se mantinham obedientes às sugestões da natureza, sem agredi-la, mas empurrando a *phýsis*¹³ a manifestar suas possibilidades, um vir da não-presença à presença como produção (*poiesis*) autêntica, não exploradora.

Na técnica moderna, a natureza é convocada, numa intervenção que se dirige a ela em vista de um processo de acumulação de energia que se extrai. “Nós não deixamos a natureza acontecer, mas nós a provocamos e a abordamos de modo que ela se anuncie de alguma forma comprovável por cálculo, e permaneça à nossa disposição como um sistema de informações. Depois do provocar, o preparar (*bestellen*)” (Safranski, 2000, p. 464), como fazer encomenda. Ela não é mais objeto, mas se revela como fundo de reserva (*Bestand*, isto é, o que a natureza pode oferecer no ato de encomenda) disponível. O homem como sujeito da ação de provocar e encomendar também se torna *reserva* na medida em que a própria técnica o empurra a se colocar a serviço dela.

A essência da técnica reside no que Heidegger chama de *Gestell* (provocação, provisão, seguro de provisão, esqueleto, andaime), que é o sujeito no ato de provocar (é o dispositivo, algo feito pelo homem, mas este perde a liberdade em relação a ele). Este poder de “interpelação produtora” (Heidegger, 2002, p. 199) que manifesta tudo o que é e pode ser põe o homem a desvendar o real como fundo de reserva no modo de encomendar, assim permanecendo condenado à vontade do cultivo do que é calculável em sua facticidade.

A técnica põe o homem no caminho do desvelamento do ser das coisas. Neste envio, pôr no caminho como destino, reside a necessidade de o Ser se desvendar ao homem. O perigo que surge para quem vai no caminho da técnica é que ela pode cegar o homem quanto à sua existência com a perda do ser. O perigo é viver como se o que aparece não retivesse nenhum mistério, nenhum fundo inesgotável, mesmo que o desvelamento suponha sempre o que sempre se esconde. O destino do desvelamento traz o perigo de se viver na aparência, na ilusão de que a essência da técnica é o homem. O próprio homem se torna subsistência e esquece a pergunta pelo sentido do ser. A técnica é um modo do desvelamento e não apenas está a serviço do homem.

Heidegger afirma que o que salva justamente é o ato do acontecer que desde sempre acordou o ser e o seu desvendamento. Este envio do destino que põe um caminho perigoso e que resulta no possível aprisionamento do homem nos monstros de sua técnica é também o caminho

do desvendamento do ser que conduz o homem ao que lhe é mais próprio, ao advir da verdade do Ser. A verdade e o acontecer do ser das coisas não são um feito humano.

Esta reflexão heideggeriana não implica nem requer a supressão do mundo da tecnologia, o que não passaria de um absurdo, mas nos chama a atenção para a possibilidade de uma relação mais livre para com ela. “O homem jamais se tornará senhor daquilo que determina o elemento mais próprio da técnica moderna. É por isso que ele não pode ser apenas seu escravo” (Heidegger, 2002, p. 201)¹⁴.

Assim, não é a técnica moderna que é perigosa e/ou demoníaca, mas o *Gestell*, a sua essência. Significa que a técnica moderna nos coloca à beira de uma catástrofe? Heidegger, ao responder esta pergunta, cita o verso de Hölderlin: “Mas onde há o perigo, ali cresce também o que salva.” (Heidegger, 1997a, p. 91). Em que consiste tal salvação? O desvelamento é, assim, o destino originário e primeiro da técnica. O que salva é o ato do *acontecer* acontecer que desde sempre acordou o ser e seu desvelamento. Como evitar os seus perigos e permanecer no que salva? Heidegger mostra que é possível pôr-se ao abrigo do perigo da técnica voltando a centrar-se no outro modo de produção.

Para Heidegger, a metafísica produtivista, a partir de Platão, reduziu o Ser ao estatuto de uma espécie superior de ente que, na era tecnológica, deveria ser observável publicamente ao ser suscetível de quantificação, ou seja, observável aos olhos de um sujeito observador. A tradução de *physis* em *natura*, enquanto totalidade dos entes que estão presentes à mão, governados por uma lei natural a que os homens também estão sujeitos, dada pelos romanos, é desconstruída por Heidegger ao percebê-la como uma interpretação constringida do conceito original e da experiência primitiva grega da natureza enquanto *physis*, o que daria margem para o surgimento de um subjetivismo unidimensional produtivista.

A *physis* é o que participa de todo ente enquanto essência que emerge espontaneamente a partir do mundo possível e que permanece unido ao Ser. Ser é essencialmente fundamento que não tem anteriormente um fundamento que o fundamente. Desabrocha, como a *physis*, naturalmente, assim como a rosa é sem porquê, floresce por florescer. Não se inquieta consigo mesma, nem pergunta se alguém a vê. O Ser se manifesta como abertura, que, saindo de seu mistério, confia seu enigma ao *Dasein*. O pensar está voltado para a compreensão do sentido do ser em vista da fundação do ente, e não de sua identificação com ele.

Physis, portanto, significa “o acontecimento desvelador que pela primeira vez torna possível o aparecimento dos entes e, conseqüentemente, torna possível o primeiro encontro humano com os mesmos” (Zimmerman, 2001, p. 332). Esta definição, segundo Heidegger, possibilitaria uma nova compreensão da natureza e um novo entendimento que tornaria possível um novo e não dominador relacionamento com as coisas.

A humanidade age como possibilidade de autodesvelamento da *physis* e a apreende enquanto aguarda o desabrochar do Ser. No entanto, a metafísica tecnológica se aproveita desta abertura para como sujeito manipular os objetos disponíveis que se apresentam e deles extrair e armazenar o que pode ser matematizado, objetivando o ente (o real) em prol de uma suposta dominação absoluta, que, no entanto, não alcança sua essência.

O embate da racionalidade moderna, em que o fazer técnico é apenas pretensão unilateral que define o Ser como sendo o apenas presente, torna irrelevante a dimensão do velamento e da relação. Este afastar-se do Ser em seu desvelar-se permitirá o nascimento da filosofia como uma simples atividade humana que, segundo Heidegger, abandona a compreensão da totalidade e, esquecendo-se do mistério, recai no subjetivismo. A partir de então o único absoluto será a sua individualidade.

O Ser apela continuamente em meio aos ruídos da sociedade tecnológica. É necessário ao *Dasein* se pôr a ouvi-lo e se voltar em direção ao que é precursor, a fim de renunciar ao supérfluo da novidade e empreender uma busca do sempre presente desde os primórdios do pensar, onde Ser, arte poética e verdade ocupariam uma posição fundamental e privilegiada e que se pudesse redescobrir a autêntica produção, ao

que os gregos denominavam *techne*: uma produção sabedora e cuidada, um trazer à produção, um deixar as coisas serem, a atividade aplicada de permitir as coisas serem.

A *techne*, também traduzida originalmente como arte, é a capacidade para desvelar alguma coisa, para trazê-la à presença, para permitir que seja vista e que envolve um desvelamento que preserva e guarda as coisas como elas são, em vez de explorá-las a fim de dominá-las. *Techne* é um produzir que deixa de antemão que o ente chegue à presença de acordo com seu aspecto essencial através da recepção do presente como tal pela palavra (linguagem). A *techne* é compreendida como *physis*, como produzir que faz aparecer.

O *Dasein*, assim, é o “pastor do Ser”, como aquele que guia o essencial, sem, contudo, estabelecê-lo, quebrando a matriz metafísica que postula o Ser como ente calculável pelo agir humano. Na perspectiva da *techne*, a *physis*, desabrocha espontaneamente e não está a serviço exclusivo dos agenciamentos humanos. Desse modo, o homem é enviado ao caminho dos apelos do Ser, do desvelamento e da verdade. Ele é a abertura apropriada como lugar através do qual o Ser ocorre, e ambiente necessário para as coisas se mostrarem a si mesmas. A *techne*, na compreensão de Heidegger, é, enquanto desvelamento ontológico, o que torna possível a produção.

A *techne* pertence à produção. A *techne* enquanto obra é fundadora de mundo a partir dos próprios apelos do Ser das coisas. Uma produção destituída de propósitos. Nem a obra de arte ou as coisas vivas são reféns de um fundamento metafísico que as perfile. Nem um poema ou uma rosa tem qualquer “razão para ser”.

A *techne* procede da *physis* como ato disponível e livre que, como elemento que caracteriza a destinação do Ser e seu acolhimento pelo *Dasein*, promove o encontro originário de ambos, acede à linguagem e coloca-se à escuta do silêncio para apresentar o que se apresenta, o Ser.

Ser-produto não é unicamente resultado de um fazer uso do fazer humano, mas uma realização do ordenamento da *physis* pela *techne*, o tornar manifesto aquilo que é significativo, não em sua utilidade, mas em sua abertura. *Techne* é o local onde o Ser se manifesta, isto é, se coloca em obra. O artista/artesão, disponível ao Ser, torna-se o poeta de sua mensagem, rompendo os limites que o enclausuram no ente, cultivando-o. Cultivar é dar condições favoráveis para a eclosão do Ser e também o cuidado (*Sorge*) para sua conservação.

O sentido do ser só se processa numa existência (aquilo que é significativo no ente, ou seja, o sentido do Ser, será interpelado na cotidianidade do *Dasein*) como estrutura ontológica do homem que está disposto ao Ser, posto que é pela relação com os entes que se relaciona com o Ser. O homem está disposto ao Ser, mesmo que nos entes ele se desvele e se vele. O Ser se concretiza na configuração dos entes particulares, no entanto, nenhum deles esgota todas as possibilidades de Ser. O Ser não se reduz ao ente. Ser é plenitude, e plenitude de possibilidades. O Ser se dá nos entes desvelados e simultaneamente se oculta como possibilidade não desvelada, o que Heidegger nomeia “mistério”.

A técnica, portanto, não é um projeto do *Dasein*, mas momento da acontecência do Ser. A técnica põe o homem no caminho do desvelamento, envia-o. O homem não pertence a si mesmo. A este envio, Heidegger chama de destino (*Geschick*), “força que põe o homem a caminho do desvelamento” (Heidegger, 1997a, p. 73). Ela própria, como um modo do desvelamento do sentido do Ser, rege o homem na sua essência e suscita a questão da necessidade com a qual o Ser se desvenda ao *Dasein*. O desvelamento do Ser invade e engloba o homem a partir do *Dasein* como aberto. A ação humana só é histórica quando enviada por um destino que impõe ao homem a descoberta do real. Assim, o homem encontra-se imerso na dimensão do desvelar a partir de três dimensões: um sentimento de situação, a compreensão e o discurso.

A linguagem, então, tem por função preservar, no sentido de cuidar, proteger e zelar pela mensagem do Ser. Existir, como ser-no-mundo, para o *Dasein* significa estar aberto ao Ser, escutá-lo, compreendê-lo e revelá-lo através da linguagem. A linguagem é o advento do próprio

Ser que se clareia e se esconde. Ela tem um papel desvelante. A linguagem se manifesta como o lugar da verdade do Ser, como a “casa do Ser”. Ela abriga, mantém e preserva o Ser ao qual pertence.

Na verdade, é a língua/linguagem segundo Heidegger que fala e não o homem. O homem fala na medida em que corresponde à língua. No entanto, ele percebe que, historicamente, a linguagem transformou-se num conjunto de signos arbitrários e convencionais. Ela recusa a sua essência, o saber, e se entrega simplesmente como um instrumento para o domínio do ente.

Este homem técnico, que anda e se sente seguro na linguagem, cai no vazio da representação no âmbito do fazer, fechado ao aberto do mundo e do Ser sem perceber sua essência. Pela representação da totalidade do universo técnico, reduz-se tudo em conformidade ao homem, e nisso reside a suprema indignação humana, em não perceber que todo agir é norteado pelos apelos do Ser e não pela vontade e atividade aleatória de um sujeito que visa à dominação do real.

No universo tecnológico, a linguagem torna-se instrumento a serviço do processo de produção. Em vez de serem os servidores da linguagem que através deles está em uso, em vez de permitir aos entes mostrarem-se a si apropriadamente através da linguagem, os homens, na era tecnológica, são compelidos ao uso da linguagem para revelarem as coisas de um modo unidimensional, totalmente administrável. Um modo mecânico, reduzido à sua utilidade.

Esta viragem que possibilita a libertação das armadilhas da técnica se dá, para Heidegger, a partir da volta a um outro modo de produção como centro, a partir da recuperação do conceito originário de *techne*, que abrange toda ordem de produção, indissociando técnica e arte e que se faz a partir da *poiesis* (como poesia essencialmente). Esta possibilidade de salvação estaria no caminho que volta a pôr-se poeticamente à escuta do ser, na “produção” da palavra poética. Ao recusar a definição de homem como animal racional ou simplesmente ente inteligente, ciente de que determinada definição reduziria o elemento humano à determinação prévia do Ser à luz de conceitos, arriscando-se a perdê-lo como ser-aberto-ao-mundo, Heidegger procura o modo como se dá a autêntica abertura do homem com o mundo e onde se dá o sentido do Ser que foi esquecido na sombra da essência da técnica moderna.

No entanto, o homem pertence ao Ser como mensageiro, como aquele que transmite sua mensagem e a conserva como sendo-presença. A linguagem é, então, a palavra fundadora não só do ente, mas também do Ser; além disso, nela aparece e se manifesta aquilo que nós somos.

Repensar a linguagem não mais como faculdade ou atividade instrumental do homem é reencontrar o espaço essencial onde o Ser se mostra. É por ela que pertencemos ao Ser. É ela que responde, ou deveria responder aos apelos do Ser, pois o homem só pode falar porque diz, porque mostra, a partir do dizer que é essencial ao Ser.

Heidegger busca a via de manifestação autêntica do acontecer do Ser a partir de um dizer voltado para as suas origens, que escapa ao cotidiano na medida em que o penetra e nele se aprofunda, que guarda o brilho do Ser para, então, configurá-lo, sem confiná-lo em um termo ou tendo a interrupção de um juízo prévio e/ou objetivo.

O desvelamento primordial, *techne*, que fundamenta o mundo e torna possíveis as coisas dentro desse mundo, encaminha o desvelado à manifestação-protetora e que promove o encontro do *Dasein* com o desvelado. Esse desvelamento primordial é *Poiesis*, o qual é o princípio de todo o pensamento. A essência da linguagem é poética. Na obra poética, a linguagem é liberada como linguagem, que fala por si mesma.

A poesia enquanto linguagem pura torna as coisas presentes fundamentando-as no Ser. A poesia é desvelamento do Ser em e pela palavra. Ela se coloca fora do habitual, do cotidiano, longe das coisas manipuláveis que estão simplesmente no tempo. A palavra poética nos permite morar na verdade.

Os poetas dizem. O dizer do poeta é a fundação da existência humana. Fundar é abrir o Ser, fazer aparecer o mundo, dizer a essência das coisas. A poesia é pensamento inaugural do Ser, construção de sentido. É a raiz de qualquer arte, entendida como aquilo que coloca em obra a verdade do Ser.

Mantendo sua ligação com a linguagem, em virtude da sua proximidade com a poesia, o discurso filosófico tornar-se-ia ele próprio um momento de contemplação. Esta ligação entre poesia e contemplação é a da criação do sentido, enquanto espera paciente (*Serenidade – Gelassenheit*⁵) da revelação da *physis*. Assim a poesia, como o mais alto grau e essência fundadora da arte, é *techne*. Está no âmbito da *physis*, à qual pertence e da qual recebe os parâmetros de sua instituição. Para os gregos, o olhar atento e admirado para a *physis*, como contemplação, a partir do ente-à-vista, tendo por função tornar visível (mas não tematizável) seu sentido, que extrapola a esfera do conhecer rumo ao efetuar e que se exterioriza num diálogo com a poesia, identidade de uma prática meditante, voltada para a experiência original da linguagem, é um pensar poético.

Por fim, a reflexão atenta para o fato de que não se trata de negar a técnica e a ciência (*Só cegos e loucos falarão hoje no fim da ciência*), mas admitir a técnica, os objetos tecnológicos ao mesmo tempo em que os deixamos repousar sobre eles próprios como algo que não tem nada de absoluto. Nossa preocupação é que pela falta total de pensamento a existência humana se torne robotizada. É necessário que o homem não rejeite ou se abstenha de sua condição mais própria que é o fato de ser um ser pensante. Trata-se de manter acordado o pensamento. Em vez de vivermos absorvidos pela técnica, devemos ler o mundo, habitar num mundo lendo a outra dimensão de sentido que esta dimensão que transcende as coisas simplesmente presentes tem.

NOTAS

¹Professor do Curso de Filosofia da URI – Câmpus de Frederico Westphalen; de Filosofia, História e Ensino Religioso do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e de História da Escola Técnica José Cañellas. Formado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Pós-graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); pós-graduado em História do Brasil pela URI e mestrando em Filosofia pela Unisinos.

²Professor do PPG-Filosofia da UNISINOS, psicanalista, membro da Association Freudienne Internationale.

³Manuscrito de Martin Heidegger de 1938 e publicado postumamente em 1989 pela passagem dos cem anos de seu nascimento no tomo 65 das *Obras Completas*, sob o título *Beiträge zur Philosophie – Vom Ereignis*, que bem pode ser considerada sua segunda grande obra depois de *Ser e tempo* (1927). No artigo, foi usada a tradução espanhola: *Aportes a la filosofía: acerca del evento*. Trad. Dina V. Picotti. Buenos Aires, Biblioteca Internacional Heidegger, 2003. As citações do texto obedecerão à paginação do texto original.

⁴Martin Heidegger nasceu em Messkirch, Alemanha, em 26 de setembro de 1889, e faleceu em sua terra natal, em 26 de maio de 1976.

⁵Diferença ontológica é aquela pela qual o ser se distingue do ente e o transcende, pois é a luz em que o ente se torna visível. Ser como a raiz fundamental e a fonte de todas as coisas em oposição ao ente (com o qual é confundido) que é quanto a ele um ser concreto, particular, que existe em sua realidade empírica. Tudo, exceto o próprio ser é um ente. Os entes formam um todo ou um mundo. O ser não é nenhum ente, nenhuma coisa e nenhuma propriedade da coisa, nenhum ser-simplesmente-dado Conforme o texto *A tese de Kant sobre o ser* (Inwood, 2002, p. 42-43). A diferença ontológica é o não entre ente e ser (Heidegger, 1999)

⁶*Aletheia* é o termo grego para verdade, veracidade, honestidade, sinceridade. Em grego, uma inicial *a* é privativa, designa algo “não escondido ou esquecido” ou aquele que “não esconde nem esquece”. A verdade não está restrita a asserções mentais ou teóricas tais quais julgamentos, crenças e representações, mas é um aspecto primordialmente da realidade, não de pensamentos e elocuições. Estes estão descobertos para nós e nós os descobrimos. Heidegger mais tarde forma *entbergen*, “desvelar, desvelamento”. Há dois tipos de desvelamento: 1) do aberto, o mundo ou entes como um todo, envolve o velamento, que não é pura falsidade, mas é o disfarce da verdade, encobrir e velar.

Tudo estava encoberto antes que o aberto fosse estabelecido, e o velamento insiste em que o aberto revele apenas certos aspectos da realidade, não toda sua natureza; 2) de entes particulares dentro deste espaço aberto: a luz é constante – nunca está ligada ou desligada – e revela tudo o que há a qualquer um que olhe. Nós perdemos a idéia do aberto que deve persistir através do nosso desvelamento dos entes. Conceito exposto no § 44 de Ser e Tempo (Inwood, 2002, p. 4-6).

⁷Verdade fixada na figura da certeza (época em que a técnica e a ciência assumem o domínio) da representação que se articula como ordenação e organização sistemática do ente em sua quantificação, interpretada a partir do significado metafísico de disponibilização da totalidade do ente como atividade quantificador-operatória do sujeito.

⁸Real é aquilo que está ao alcance da mão como objeto, portanto, o objetivamente dado, o que está ao alcance das mãos como coisa utilizável, como instrumento, utensílio e dispositivo. O ser se torna presença, e a presença se torna existência objetiva.

⁹“Pois não é nenhum saber senão organização de correções em um âmbito explicativo.” Heidegger, 1989, p. 145. >

¹⁰“Chamamos aqui de objetividade o modo de vigência do real, que na idade moderna aparece como objeto”. (Heidegger, 2001, p. 44).

¹¹“A objetividade se transforma na constância da disponibilidade (I) determinada pela Interpelação Produtora (*Gestell*).” (Heidegger, 2001, p. 52).

¹²*Techne* como uma produção sabedora e cuidadosa, um trazer à produção, um deixar as coisas ser, a atividade aplicada de permitir as coisas ser. Também traduzida originalmente como arte. É um produzir que deixa de antemão que o ente chegue à presença de acordo com seu aspecto essencial.

¹³A *physis* é sinônimo do que se manifesta espontaneamente, do que é, do que vem a ser, do Ser, que é anterior a qualquer entidade sensível, não se reduzindo ao conceito de natureza.

¹⁴Carta-resposta (Revista *Begegnung*, 1965) de Heidegger ao professor da Universidade de Tóquio, dr. Takehiko Kojima, resumindo seu pensamento com relação ao problema da técnica.

¹⁵Na obra *Gelassenheit* Heidegger expõe sua perspectiva sobre a serenidade. Esta é apresentada através do discurso pronunciado quando da celebração do 175º aniversário do nascimento do compositor Conradin Kreutzer, em Messkirch, a 30 de outubro de 1955.

REFERÊNCIAS

BUZZI, A.R. 2000. *Introdução ao pensar: o ser, o conhecimento, a linguagem*. Petrópolis, Vozes, 260 p.

FLEIG, M. 2005. Os impasses da crítica Heideggeriana à ciência moderna e à técnica. In: A. C. REGNER e L. ROHDEN. (org.), *A filosofia e a ciência redesenham horizontes*. São Leopoldo, UNISINOS, p. 73-93.

HEIDEGGER, M. 1989. *Beiträge zur Philosophie – Vom Ereignis*. Frankfurt, Vittorio Klostermann, 510 p.

HEIDEGGER, M. 1997a. A questão da técnica. *Cadernos de Tradução*, 2:40-93.

HEIDEGGER, M. 1999a. *A tese de Kant sobre o ser*. São Paulo, Nova Cultural, p. 219-248. (Os Pensadores).

HEIDEGGER, M. 2001. Ciência e pensamento do sentido. In: M. HEIDEGGER, *Ensaios e conferências*. Petrópolis, Vozes, p. 39-60.

HEIDEGGER, M. 2002. Carta-resposta *Revista Begegnung*, 1965 de Heidegger ao professor da Universidade de Tóquio, dr. Takehiko Kojima. In: E. STEIN, *Uma breve introdução à filosofia*. Ijuí, Unijuí, p. 193-202.

HEIDEGGER, M. 2003. *Aportes a la filosofía: acerca del evento*. Buenos Aires, Biblioteca Internacional Heidegger, 414 p.

INWOOD, M. 2002. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 239 p.

LOPARIC, Z. 1996. Heidegger e a pergunta pela técnica. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, série 3, v. 6, nº2, São Paulo, UNICAMP, p. 107-137.

NUNES, B. 1987. *Passagem para o poético (filosofia e poesia em Heidegger)*. São Paulo, Ática, 294 p.

SAFRANSKI, R. 2000. *Heidegger: um mestre da Alemanha entre o bem e o mal*. São Paulo, Geração Editorial, 518 p.

ZIMMERMAN, M.E. 2001. *Confronto de Heidegger com a modernidade*. Lisboa, Instituto Piaget, 432 p.

ZELJKO, L. 1996. Heidegger e a pergunta pela técnica. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, 6(2): 107-137.